

Pró Inclusão – ANDEE

NOTÍCIAS

julho de 2012

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DOCENTES DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Quinta da Arreinel de Cima, 2800-305 Almada

TLM: 927 138 311 - E-mail: proandee@gmail.com

Site: <http://proinclusao.com.sapo.pt>

A Pró-Inclusão - Associação Nacional de Docentes de Educação Especial em colaboração com a Universidade de Santiago de Compostela  realizou, no dia 29 de junho de 2012, uma sessão de trabalho subordinada aos temas: **“La Atención a la Diversidad en España y Portugal” e “Colaboration y experiencias en Atención a la Diversidade para favorecer el Aprendizaje y la Participación”**.



“La Atención a la Diversidad en España y Portugal”

Moderadores: Dr. David Rodrigues y Dr.ª Mery Muñoz Cadavid

A apresentação desta temática foi centrada na formação de professores, por se sentir a necessidade de repensar os conteúdos, a estrutura, a carga horária tanto a formação

inicial como a formação contínua de professores, no âmbito da Escola Inclusiva.

Em Portugal, é sentida uma lacuna ao nível na formação de professores para a diversidade, não pela quantidade de professores formados, que consideramos ser em número suficiente; mas pela qualidade dessa mesma formação. Sente-se igualmente que o tempo disponibilizado à promoção de metodologias diferenciadas em contexto de sala de aula não se revela ser suficiente para uma verdadeira implementação das mesmas, em contextos reais de trabalho futuro. Há algumas experiências no âmbito da formação inicial que mostram práticas de diferenciação promovidas durante o estágio, no entanto quando termina o estágio tudo parece ser esquecido e as práticas mais tradicionais voltam a implementar-se.

Atualmente, consideramos que um dos grandes desafios na formação de professores de Educação Especial é a atitude que por sua vez se revela como uma grande responsável pela mudança de práticas. As boas práticas, aquelas que resultam em práticas eficazes, são o melhor meio para a implementação de novas mentalidades – há que mudar as mentalidades para mudar práticas. Para isso sente-se a necessidade de aumentar o número de horas para abordar, de uma forma mais

aprofundada a temática da diversidade. Realçamos a importância de uma reflexão no sentido de formar professores para a realidade existente nas nossas escolas.

As práticas escolares para além da formação inicial, são determinadas pelas dinâmicas centradas nos Órgãos de Gestão dos Agrupamentos. Por muita formação que o professor tenha e boa vontade em implementar práticas mais arrojadas, se encontrar a sua organização escolar dinâmicas, políticas,



filosofias e um projeto educativo desfavorável à Inclusão, acaba por ser “abafado” e anulado pelo “peso” do sistema.

Ao nível da temática da Educação Inclusiva consideramos haver já um campo teórico consistente, no entanto constatamos que as práticas e as organizações mantêm modelos tradicionais com ensino dirigido a um aluno médio. Daí pensarmos que o enfoque na formação de professores se deverá centrar nas práticas - é nas práticas que as mudanças se operam.

No âmbito das abordagens ao currículo estas centram-se essencialmente nos livros escolares, sentindo-se a maioria dos professores “desarmados” perante a liberdade de uma gestão flexível do currículo, de forma a responder às necessidades individuais de cada um dos alunos. Caso houvesse práticas de trabalho cooperativo consistentes seria possível criar nas escolas um espírito de entreajuda e de apoio mútuo que colmatasse essa insegurança, sentida por alguns professores, que promovesse a criação de materiais pedagógicos lúdicos, atrativos e interativos, descentrando as pedagogias dos livros escolares.

Ainda no âmbito da formação de professores foi abordada a Transição para a Vida Pós Escolar. É ponto assente que esta é da responsabilidade da Escola e que a deve implementar através dos Planos Individuais de Transição, no entanto quando “saí do papel” e se pretende uma implementação prática da Transição para a Vida Pós Escolar há uma multiplicidade de barreiras que se apresentam, nomeadamente: falta de respostas adequadas aos alunos que pretendem fazer uma formação profissional; listas de espera infindáveis para os alunos que necessitam de ser encaminhados para Centros Atividades Ocupacionais; falta de sensibilidade dos empresários para a empregabilidade desta população; falta de apoios do governo para a sua facilitação; falta de articulação entre os vários ministérios envolvidos – Educação, Solidariedade e Segurança Social e do Trabalho e emprego.

Todas estas situações criam angústias no seio familiar e uma preocupação constante que ouvimos no dia a dia – “o que lhe vai acontecer quando eu lhe faltar”? E a verdade é que, após a escola e dada a escassez de respostas para estes alunos ou as existentes não serem adequadas, facilmente se cai numa ausência de perspetivas de futuro laboral/ocupacional e muito frequentemente ficam em casa com as famílias.

Consideramos que há uma necessidade urgente da legislação em vigor contemplar, para além dos terapeutas ocupacionais, psicólogos, terapeutas da fala e fisioterapeutas, outros técnicos nomeadamente educadores sociais e técnicos de serviço social que possam desenvolver e implementar processos de Transição em parceria com as famílias, professores de educação especial e serviços disponíveis na comunidade. Considerámos, igualmente que os Centros de Recursos para a Inclusão poderiam pensar em converter as suas práticas em função desta necessidade e ainda consideramos de extrema necessidade uma articulação entre os vários ministérios envolvidos nesta dinâmica.

“Colaboracion y experiencias en Atención a la Diversidade para favorecer el Aprendizaje y la Participación”

Moderadores: Dr.ª Marta Rodriguez e Dr.ª Maria Zabalza

No âmbito desta temática foram apresentados dois projetos: “Down Galiza” e a “A Estrada Inclusiva”.

O primeiro é uma associação de Síndrome de Down - “Down Galiza”, pertencente à federação “Down Compostela” que desenvolve um trabalho de parceria com as escolas, empresas e serviços da comunidade local.



Os objetivos desta associação centram-se no apoio à criança/ jovens, famílias e seu envolvimento; apoia crianças desde o nascimento até à idade adulta através de vários programas de apoio: apoio às famílias, intervenção precoce, inclusão escolar, transição para o mundo do trabalho e independência familiar e autonomia pessoa e social. Dado a esperança média de vida desta população ter vindo a aumentar, a associação sente a necessidade de criar um programa de apoio ao envelhecimento ativo.

A palestra centrou-se no programa de apoio escolar e no relato das mudanças que se foram efetuando à medida que iam intervindo nas escolas e junto dos professores, passando de

“inspetores” a serem vistos, no decorrer de todo o processo como consultores, assessores e colaboradores.

A existência de recursos especializados, em todos os contextos de vida é condição necessária ao sucesso das práticas implementadas, que serão tanto mais eficazes quanto maior for a colaboração entre todos os intervenientes.

Há a tendência, por parte dos professores do Ensino Regular em considerar que o aluno com NEE não lhes “pertence” realçando as dificuldades de aprendizagem do aluno, não considerando os problemas de “ensinagem” que eventualmente eles próprios sintam. Para facilitar a inclusão destes alunos em contexto de sala de aula, o professor especialista deverá ter um papel de diplomata levando “a água ao seu moinho” conquistando os professores e restante comunidade educativa para incluir de uma forma mais eficaz todos os alunos.

O segundo projeto a ser apresentado foi “A Estrada Inclusiva”. Este é um projeto que envolve a Universidade de Vigo e o Concelho de Estrada. Envolve 6 escolas e cerca 600 alunos. Atualmente a política do projeto é “saltar dos muros” da escola para a comunidade e aproveitar os recursos disponíveis no meio envolvente para promover a inclusão. Foram relatadas:

- Experiências em que os alunos mais velhos incluem os mais novos - tutorias;
- Atividades de trabalho conjunto com grupos heterogêneos em idade e nível de desempenho para desenvolverem competências relacionadas com as novas tecnologias;
- Práticas de acolhimento aos novos professores por exemplo: a cedência de dossiê com informações síntese dos documentos reguladores de cada escola; reuniões de articulação e informação sobre os alunos e características sociofamiliares, etc;
- Experiências da colaboração entre Escola e Família na dinamização de atividades nos mais diversos contextos;

Em jeito de conclusão foram consideradas algumas propostas de melhoria das práticas inclusivas:

- Formação centrada na escola, nas práticas escolares e nos órgãos de gestão, que por vezes se revelam ser um entrave às práticas dos docentes de educação especial;
- A criação de equipas de apoio “de primeira linha”, que suportem e apoiem diretamente os professores de educação especial, no trabalho com os colegas do ensino regular e comunidade educativa;
- Formar recursos especializados e colocá-los ao serviço da inclusão, e aproveitar igualmente o trabalho de voluntariado;
- Promover o trabalho entre escolas criando redes de apoio na resolução de problemas;
- Aumentar o número de horas de formação em disciplinas ligadas à Educação Especial durante a formação inicial;

- Parcerias informais, em contexto laboral, para aprofundar laços pessoais incrementando mudanças nos ambientes e nas relações profissionais;
- Dadas as dificuldades manifestadas em conseguir implementar percursos para a transição para a vida pós escolar, sugere-se a realização de sessões de trabalho e/ou um seminário dedicado a esta temática.
- Sugere-se, igualmente ações de sensibilização dirigidas a empresários.

Ao longo das conferências realçou-se que a *Educação Inclusiva* é a chave principal em qualquer Sistema Educativo. Deve traduzir-se num Sistema de Educação de qualidade para Todos, com respostas diversificadas.

Tal como referiu o Professor David Rodrigues:

“A promoção da inclusão exige um esforço e uma vigilância constante: se abrandamos este esforço, rapidamente se perdem os ganhos que se conseguiram. Usando uma metáfora é como uma melancia numa encosta: custa levá-la para cima mas se nos distraímos é muito fácil que ela role encosta abaixo”.

Deste modo podemos concluir que só repensando as práticas do dia-a-dia nas Escolas e reformulando as metodologias que nela se envolvem é possível a promover a equidade e excelência educativa.



Ana Rosa Trindade

Nelson Santos

Para que a **PIN-ANDEE** possa crescer na sua representatividade, ações e actividades necessitamos da sua participação.

ASSOCIE-SE!

Ser associado da **Pró-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial (PIN-ANDEE)** só tem vantagens.

O pagamento da quota anual (35€ - não chega a ser 10 cêntimos por dia) engloba o envio quinzenal da *newsletter*, a entrega duas vezes por ano da revista “Educação Inclusiva”, a gratuidade ou redução na inscrição nas várias iniciativas levadas a cabo pela associação ou em parceria com outras instituições.

REGULARIZE AS SUAS QUOTAS!

www.proinclusao.com.sapo.pt

E-Maiproandee@gmail.com